

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê é fruto do I Congresso Nacional Mulher, Literatura e Sociedade, promovido pelo Núcleo de Pesquisa Mulher Literatura e Sociedade, da UFPE, e certificado pelo CNPQ desde 2015 e coordenado pela professora Karine Rocha. O citado evento, ocorrido em março de 2018, teve como tema central as representações da mulher na literatura ocidental. Os textos que aqui se apresentam são resultado de parte das mesas redondas e conferências que contaram com a participação de professores doutores de diversas instituições, tais como UFPE, UFPB, UESPI, UFRPE e UFAL. Quase todos os envolvidos são também vinculados ao programa de Pós-graduação das suas instituições de origem.

Podemos afirmar que o que norteia, no geral, os textos que aqui se apresentam é a ideia de que o gênero é um conceito socialmente construído. As peculiaridades sexuais são significadas através de discursos que acabam gerando as diferenças dentro das comunidades nas quais os indivíduos estão inseridos. O gênero pode ser analisado dentro das práticas sociais concretas que variam conforme a época, cultura, raça e idade. As concepções masculino e feminino são internalizadas culturalmente, impulsionando os indivíduos a destinos já demarcados, sendo preciso recuperar e explorar os aspectos da relação homem-mulher que foram suprimidos ou desacreditados pela cultura dominante, mostrando como a experiência feminina foi afetada. Desta forma, o leitor aqui poderá encontrar discussões que vão desde a experiência da mulher em diversos pontos da América, passando por questões de gênero do século XIX, teoria queer, representações na Idade Média e barroco.

O texto de abertura deste dossiê é de autoria de Roland Walter (UFPE). O artigo, intitulado **(Re)Pensando/ (Re)Escrevendo As Américas: Poéticas-Políticas De Escritoras Pan-Americanas**, discute de que forma os vários tipos de violências são problematizados em obras de escritoras contemporâneas de diversos contextos interamericanos. O autor traça um panorama de escritos multiétnicos de feministas das Américas- de chicana, nicaragüense, jamaicana, indígena do Canadá, entre outras-, que (re)contam histórias de opressão e resistência face ao sistema colonialista e às novas colonialidades de poder presentes nas sociedades pós-coloniais. O segundo momento do texto é centralizado na estética da violência de gênero, retratada em dois romances da guadalupana Gisèle Pineau, e na estética da violência urbana e no racismo sócio-cultural e ambiental tematizados nas narrativas das chicanas Lorna Dee Cervantes e Helena María Viramontes. Roland Walter finaliza o texto, identificando nos escritos analisados uma atitude descolonizadora por parte das autoras, na medida em que elas, não apenas denunciam práticas e discursos opressores, característicos do sistema patriarcal e colonizador, mas apresentam igualmente alternativas de resistência pelo agenciamento das personagens, construídas a partir do entrelaçamento de gênero, raça, classe social e outras posições de sujeito.

No segundo artigo, intitulado **Novas auroras ao feminismo: nós vamos quebrar as paredes!**, Renata Pimentel (UFRPE) focaliza a questão identitária dos

gêneros nas artes, sob a perspectiva dos estudos de gênero e queer, em especial as contribuições das autoras Judith Butler e Paul (Beatriz) Preciado, refletindo igualmente no conceito de interseccionalidades, a fim de pensar a prática feminista como movimento plural. Pimentel traz como exemplo a sua prática feminista enquanto professora, poeta, artista, na atuação do trabalho de dramaturgia desenvolvido com o coletivo de Teatro Bárbara Idade, composto por atrizes senescentes. Dessa experiência, surgiu o espetáculo **(H)estórias Mínimas**, que, como o próprio título aponta, intenta inverter o olhar a partir do masculino, trazendo na criação da cena discursos de representação de mulheres. Majoritariamente, as falas são construídas a partir das experiências contadas pelas próprias atrizes. Dessa forma, segundo Pimentel, essas mulheres tornam-se “matrizes e geradoras das construções poéticas do espetáculo”.

O artigo seguinte, de Maria Suely de Oliveria Lopes, intitula-se **Redemoinhos nas águas 'Os ríos turvos: a personagem Filipa Raposa ressignificada na narrativa de Luzilá Gonçalves Ferreira**. Pelo viés da crítica feminista, e do estudo da personagem de ficção, a pesquisadora propõe a análise de uma obra de Luzilá Gonçalves, a escritora homenageada do evento. Maria Suely Lopes, que é autora de uma tese sobre a ficcionista pernambucana, analisa, um de seus romances históricos, *Os ríos turvos*, focando o interesse na personagem Filipa Raposa. O artigo apresenta, primeiramente, alguns dados biobibliográficos sobre a autora e uma apresentação do romance, *Os ríos turvos*, em seguida prossegue com a análise da obra. A narrativa se propoe a narrar a história do escritor Bento Teixeira, pondo em paralelo a história da sua mulher Filipa Raposa, por ele assassinada. A personagem, silenciada pelos registros históricos, ganha voz na ficção de Luzilá, sendo construída através de vários pontos de vista, o da voz narrativa, o de otros personagens e a partir de seu próprio discurso. Suely Lopes conclui o texto, definindo a personagem histórica como uma mulher “corajosa, ultrapassa o espaço doméstico, embora nele fixado- para alcançar novas perspectiva de vivência, atuando na desconstrução do discurso patriarcal”.

O artigo desenvolvido pela professora Algemira Mendes (UESPI) reivindica uma presença mais forte da escritora Amélia Bevilacqua. Através da análise crítica dos romances *Angústia* e *Jeanette*, a pesquisadora aponta que o apagamento da referida escritora do cânone literário se deu por questões meramente patriarcais. Dona de uma obra criada dentro das expectativas estéticas de sua época, Amélia Bevilacqua se vê atacada pelos críticos de sua época por ir além do que se esperava da escrita de uma mulher. Transgredir ao que se convencionou chamar de literatura cor-de-rosa relegou aos pesquisadores de nossa época a tarefa de resgate desta escritora cuja obra é de fundamental importância para o entendimento da construção do percurso literário das mulheres do Brasil.

Recuando um pouco mais no tempo, encontraremos este dilema de escrever na freira mexicana Soror Juana Inés de la Cruz. O artigo da professora Margareth Torres de Alencar (UESPI / UFPI) nos mostra a luta travada por esta mulher do período colonial da América Hispânica por seu direito de estudar e escrever. Margareth Torres tece sua análise através de questionamentos sobre a identidade da freira barroca e se seria possível afirma que sua poética foi utilizada como um reclamo pela liberdade

de expressão. Perseguida pelos de sua época, proibida judicialmente a escrever, Soror Juana, de acordo com o artigo que dispomos ao leitor, parece ser a primeira mulher em terras da América Latina a dizer não ao patriarcado.

Finalizando nosso dossiê, temos uma amostra de representações da mulher na literatura medieval castelhana organizada pelo professor José Alberto Miranda Poza (UFPE). Aqui o leitor irá encontrar uma pesquisa que abarca os principais textos canônicos da literatura medieval e renascentista, seja através de sermões, prosa ou versos, objetivando ressaltar as ambiguidades que a representação do sexo feminino já sofria neste intervalo de tempo. Bruxas, anjos, provocadoras sexuais a mulher ocupava o imaginário dos homens que já neste período se encontravam empenhados em moldar o modelo do que seria o ideal feminino.

Karine Rocha
Luciana Calado